

## O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta\*

Marina Vigário

Universidade de Lisboa, Onset-CEL

### 0. Introdução

A teoria prosódica inicialmente proposta por Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986), embora mantendo um enorme poder explicativo, tem sido objecto de propostas que tendem a enfraquecê-la. Parte dessas propostas dizem respeito à eliminação de constituintes, como o Grupo Clítico, e à possibilidade de construção de estruturas prosódicas recursivas. No presente trabalho, e depois de uma breve contextualização feita na secção 1, colocamos em evidência os novos problemas resultantes dessas alterações (secções 2 e 3). Para resolver os problemas notados e com uma base empírica que nos parece sólida, propomos na secção 4 que se recupere o constituinte Grupo Clítico, com alguns ajustes, que passam pela sua renomeação como Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group*). Concluimos na secção 5, compilando as ideias centrais do artigo.

### 1. A fonologia prosódica

A década de oitenta foi profícua na emergência de trabalhos que viriam a produzir profundas alterações na teoria fonológica. Entre esses trabalhos contam-se os de Selkirk (1984) e de Nespor e Vogel (1986), que se tornariam as obras de referência de um modelo teórico que ficou conhecido por fonologia prosódica. Tal como com outros modelos ou concepções da teoria fonológica desenvolvida nesse período, o essencial dos fundamentos da fonologia prosódica não apenas se manteve até aos nossos dias, como foi fortalecido pela imensa quantidade de investigação produzida entretanto neste domínio. Efectivamente, a análise de uma quantidade significativa de línguas do mundo mostrou que o funcionamento da maioria dos factos fonológicos depende de uma certa *organização* das unidades fonológicas, visto que para a sua explicação é insuficiente conhecer informação contextual relativa à sequência linear dos segmentos.

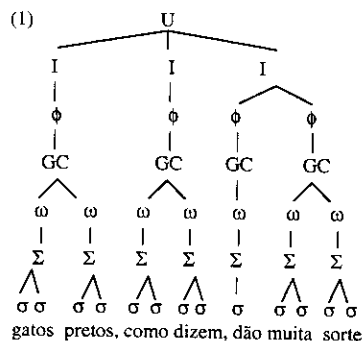
---

\* Agradecemos à audiência do *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* os comentários e reacções a este trabalho, bem como a Marina Nespor, que nos deu ainda a conhecer a proposta de Kebak e Revithiadou (2006). Esta publicação integra-se nas actividades da Onset-CEL [POCTI-SFA-17-745].

Tornou-se também claro que a estrutura relevante para dar conta desses factos *não era (directamente) a morfológica ou sintáctica*, mas uma estrutura específica, própria da componente fonológica.

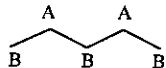
A investigação incidindo sobre uma larga quantidade de línguas particulares veio também trazer evidência empírica sustentando a plausibilidade da hipótese inicial de que a *estrutura prosódica é universal*. Essa estrutura será composta por um conjunto limitado e fixo de constituintes, formando uma hierarquia regulada por princípios gerais, mesmo que a *construção* de cada domínio prosódico possa variar até certo ponto de língua para língua.

A organização prosódica de uma frase do Português ilustrada em (1), baseada em Vigário (2003), permite mostrar quais os constituintes prosódicos classicamente assumidos (Enunciado, 'E', Sintagma Entoacional, 'I', Sintagma Fonológico, 'φ', Grupo Clítico, 'GC', Palavra Prosódica, 'ω', Pé, 'Σ', Sílabas, 'σ') e qual a sua relação hierárquica.



As propostas iniciais preconizavam igualmente que as árvores prosódicas estão sujeitas a condições de boa-formação, enunciadas sob uma hipótese designada por *Strict Layer Hypothesis* (SLH – cf. Selkirk, 1984; Nespór & Vogel, 1986). As condições de boa-formação impedem, designadamente, que um mesmo constituinte possa ser dominado por mais do que um constituinte (cf. 2a), que dois nós irmão possam pertencer a categorias diferentes (cf. 2b), que um constituinte domine outros constituintes que não sejam do nível imediatamente inferior (cf. 2c) ou que um constituinte domine outros constituintes da mesma categoria (cf. 2d).

(2) a. \*dominância múltipla



b. \*nós irmãos de categorias diferentes



c. \*saltos de níveis



d. \*recursividade



A teoria assim construída revelou-se com forte poder explicativo, favorecendo também a comparabilidade entre línguas. Para além disso, a sua natureza e definitude tornava-a falseável, como convém a qualquer modelo teórico.

## 2. Problemas gerais que hoje enfrenta a teoria dos constituintes prosódicos

Apesar do sucesso das propostas inicialmente feitas no âmbito da fonologia prosódica, a partir da pesquisa que se seguiu foram surgindo problemas de diversa ordem, que sintetizamos nesta secção.

Sendo um pressuposto teórico que os factos puramente fonológicos têm como domínio um constituinte fonológico, a teoria implica que, se existem dados fonológicos de que os constituintes inicialmente propostos não dão conta, isso deverá significar que o elenco de constituintes não está ainda bem definido. É nesta óptica que, por exemplo, Condoravdi (1990) propõe a introdução de um novo constituinte na árvore prosódica – o domínio Z – entre  $\phi$  e I, com base em dados do Grego; outros referem-se a constituintes mais ou menos *ad hoc*, como Woodbury (2002), que distingue entre PW e PW–, o primeiro correspondendo à combinação palavra prosódica-clíticos e o segundo à palavra prosódica sem clíticos. A proliferação de constituintes resulta, naturalmente, num enfraquecimento da teoria.

Para além disso, aparecem diferentes hierarquias fonológicas, sobretudo em trabalhos que incidem apenas sobre aspectos particulares da fonologia. Isto é especialmente notório no âmbito dos estudos entoacionais (e.g. trabalhos de Pierrehumbert & Beckman). Acima da Palavra Prosódica, por exemplo, não é claro se os constituintes designados na literatura por *Intermediate Phrase* e *Accentual Phrase* ou *Minor Phrase* e *Major Phrase* fazem parte da mesma hierarquia que os constituintes *Phonological Phrase* e *Intonational Phrase*, nem se sabe até que ponto é que aqueles constituintes são distintos destes (veja-se a terminologia usada em, por exemplo, Pierrehumbert & Beckman, 1988 e Selkirk, 2000; e Selkirk, 1984 e Nespor & Vogel, 1986, respectivamente). O uso de diferente terminologia e a escassez de estudos específicos avaliando a coincidência ou não entre os vários constituintes dificultam a comparabilidade entre as línguas e lançam dúvidas sobre a organização da informação na componente fonológica.

Agrava este problema o aparecimento de trabalhos pontuais pretendendo mostrar que diferentes tipos de fenómenos fonológicos (entoacionais, duracionais e segmentais) são regulados por diferentes hierarquias (cf. Gussenhoven & Rietveld, 1992, com base no Inglês). Isto apesar de também ser produzida investigação mostrando como uma mesma hierarquia (prosódica) permite dar conta de dados de diversos tipos em línguas, como o Bengali ou o Português (cf. Hayes & Lahiri, 1991 e Frola, 2000, respectivamente).

Os próprios princípios reguladores da boa-formação das árvores prosódicas são questionados em muitos trabalhos, e aparecem propostas defendendo a flexibilização da *Strict Layer Hypothesis* (Ladd, 1992, 1996; Selkirk, 1996; Peperkamp, 1997). Mais concretamente, Selkirk propõe a reinterpretação da SLH, no quadro Teoria da Optimalidade, como um conjunto de restrições, algumas das quais violáveis, tal como enunciado em (3).

- (3) a. *Layeredness* (INVOLÁVEL)  
 \*C<sup>i</sup> domina um C<sup>j</sup>, j > i (e.g. \*σ domina um Σ)
- b. *Headedness* (INVOLÁVEL)  
 Todos o C<sup>i</sup> tem de dominar um C<sup>i-1</sup>, excepto se C<sup>i</sup> = σ  
 (e.g. uma PW tem de dominar Σ)
- c. *Exhaustivity* (VIOLÁVEL)  
 \*C<sup>i</sup> domina imediatamente um constituinte C<sup>j</sup>, j < i-1  
 (e.g. \*PW domina imediatamente uma σ)
- d. *Nonrecursivity* (VIOLÁVEL)  
 \*C<sup>i</sup> domina C<sup>j</sup>, j = i (e.g. \*Σ domina Σ)

A violabilidade de princípios essenciais englobados na *Strict Layer Hypothesis* resulta num evidente *enfraquecimento* da teoria. Para além disso, ao admitir-se recursividade, esbate-se a diferença intrínseca entre a estrutura prosódica (mais plana) e a estrutura sintáctica (mais profunda). Acresce que, não havendo um mecanismo geral que limite suficientemente a criação de estruturas recursivas, elas passam a ser recorrentes na literatura e torna-se progressivamente menos claro de que nível prosódico se está, de facto, a falar e, consequentemente, fica dificultada a comparação entre línguas.

Finalmente, também o elenco de constituintes propostos como universais é questionado. Um constituinte particular é objecto de sérias críticas – o Grupo Clítico. O presente trabalho é precisamente sobre a natureza deste constituinte e da organização dos elementos que o integram na proposta original. Por esta razão, e porque são diversos os problemas que foram levantados a seu respeito, dedicamos uma secção autónoma à sua apresentação e aos problemas que relativamente a este constituinte se levantaram.

### 3. O caso particular do Grupo Clítico (GC)

#### 3.1. O GC

O Grupo Clítico é o constituinte que se situa entre a Palavra Prosódica e o Sintagma Fonológico e foi primeiramente proposto por Hayes (1989). Este constituinte, adoptado em muitos trabalhos subsequentes, domina uma palavra prosódica e eventuais clíticos, ou agrupa os elementos internos de palavras compostas.

Tal como sucedeu com os restantes domínios, a motivação para a sua existência constituinte resultou primeiramente da ocorrência, observada em diversas línguas, de fenómenos fonológicos que pareciam depender de um domínio deste nível. Exemplo de

um tal fenómeno é a atribuição de acento no Latim, onde a adição de enclíticos afecta a localização do acento principal da palavra hospedeira. Semelhante comportamento é esperado se o domínio do acento não for  $\omega$  mas sim o GC (cf. 4, retirado de Nespor & Vogel, 1986: 146).

(4) vírum	virúmque	vídēs	vidēsne
'o homem-ACUS'	'e o homem-ACUS'	'vês'	'vês?'

Vários outros fenómenos foram interpretados sob mesma perspectiva, entre eles o reajuste de acento em Grego Demótico, a sonorização de *s* intervocálico no Italiano, o apagamento de nasal, a assimilação nasal e a sonorização de consoante no Grego, a harmonização vocálica no Turco (Nespor & Vogel, 1986) e a atribuição do acento principal em compostos (Vogel, 1990).

### 3.2. Problemas do GC

Foram múltiplos os problemas levantados relativamente a este domínio (veja-se, para uma compilação do essencial das críticas Booij, 1996; Peperkamp, 1997; Vigário, 1999, 2003: 1.3).

Inkelas (1990) sugere que a evidência para o GC pode reinterpretar-se à luz da distinção entre palavras prosódicas e regras lexicais *versus* palavras prosódicas pós-lexicais (que podem incluir clíticos) e regras pós-lexicais. Neste caso, propõe-se a eliminação do GC com base no *princípio da economia*. A análise da prosodização dos clíticos no Português Europeu desenvolvida em Vigário (2003) mostra a produtividade desta abordagem.

Para além disso, dados de várias línguas são interpretados como decorrendo de uma ligação de clíticos a níveis superiores na hierarquia prosódica, designadamente I e  $\phi$  (e.g. Inkelas, 1990; Selkirk, 1996; Kleinhenz, 1996; Peperkamp, 1997; Hall, 1999). Caracterizando-se a hierarquia por ser fixa nos seus domínios constituintes e na sua relação hierárquica e supondo-se ela universal, a posição do GC na hierarquia não pode variar de língua para língua. Assim, este tipo de dados foi considerado indicativo de que não existe um constituinte específico responsável pela organização dos clíticos e respectivos hospedeiros. Note-se a este respeito contudo que, embora sejam diversos os trabalhos neste sentido, nem sempre a argumentação é neste ponto inteiramente convincente. Van der Leeuw (1997) revê criticamente alguns destes estudos, sustentando que a cliticização não opera em níveis superiores ao da palavra. Por seu turno, Vigário (2003) mostra como os dados do Italiano interpretados por Peperkamp (1997) como envolvendo encliticização ao nível de  $\phi$  podem ser explicados por uma prosodização ao nível da palavra e pela dicotomia entre processos que operam lexicalmente e processos que operam pós-lexicalmente.

Uma constatação adicional motivada empiricamente foi a de que existem assimetrias na relação prosódica que enclíticos e proclíticos estabelecem com os seus hospedeiros (e.g. Booij, 1996, no Holandês; Peperkamp, 1997, no Italiano; Kleinhenz, 1996 e Hall, 1999, no Alemão; Vigário, 1999, 2003, no Português Europeu). Por

exemplo, no Português Europeu conclui-se que os enclíticos *incorporam* na palavra prosódica hospedeira, enquanto os proclíticos a ela se *adjungem*. Em alguns casos, sugere-se que enclíticos e proclíticos podem mesmo ter *hospedeiros de níveis prosódicos distintos* (e.g. no Alemão, cf. Kleinhenz, 1996 e Hall, 1999).

Um problema igualmente importante evocado contra a existência do GC resulta do facto de, nas propostas iniciais para a construção deste domínio (e.g. Nespor & Vogel, 1986), os clíticos serem entendidos como formando, eles próprios, palavras prosódicas. Dado que os clíticos se caracterizam, precisamente, por não apresentarem as propriedades típicas das palavras prosódicas – não têm designadamente acento próprio e não podem ocorrer independentemente de um hospedeiro –, esta assunção é contra-intuitiva e teoricamente problemática. Deve dizer-se, contudo, que tal assunção decorre da concepção inicial expressa pela SLH de que um qualquer constituinte (diferente do nó terminal) domina necessariamente um constituinte do nível imediatamente inferior. Abandonando-se tal pressuposto, este ponto deixa de constituir um verdadeiro contra-argumento ao GC.

Para concluir, apontamos um último facto que nos parece contribuir para dificultar a compreensão do que são as possíveis prosodizações dos clíticos (e restantes objectos fonológicos) nas línguas. Em certos casos, verifica-se alguma confusão entre o que são processos regulares que têm um dado domínio prosódico de aplicação (por hipótese o CG) e processos irregulares, lexicalizados, que podem referir informação não-fonológica. Estes últimos, não sendo puramente fonológicos, não sustentam inequivocamente um domínio prosódico. Este facto crucial tem sido relativamente negligenciado na literatura.

Como se pode constatar, os problemas apontados ao GC passam sempre pela prosodização dos clíticos. Contudo, desde as propostas iniciais se entendeu que este constituinte agrupava também compostos (e.g. Nespor & Vogel, 1986; Vogel, 1990; Kabak & Vogel, 2001). Isto muito embora os compostos, devido à sua natureza heterogénea e grau de lexicalização variável, não formem uma classe sem problemas (veja-se, por exemplo, Nespor e Ralli, 1996, para uma proposta de subclassificação dos compostos que origina diferentes prosodizações, incluindo, num dos casos, o domínio dos membros do composto directamente por  $\phi$ ).

### 3.3. Novos problemas criados pela eliminação do GC

A eliminação do GC veio criar novos problemas. As propostas alternativas passaram por permitir a violação sistemática de restrições essenciais para espelhar a diferença entre estrutura sintáctica e estrutura prosódica. Por exemplo, para a prosodização de compostos que integram mais de uma palavra prosódica, são propostas estruturas recursivas em que um nó  $\omega$  domina outros nós do mesmo nível (e.g.  $[[light]_{\omega} [house]_{\omega}]_{\omega}$ , retirado de McCarthy & Prince, 1994: 85).

Para além de esbaterem a distinção entre os dois tipos de estrutura, as formações recursivas conduziram também ao enfraquecimento da generalização de que uma  $\omega$  inclui um e um único acento principal de palavra.

A comparabilidade entre as línguas ficou igualmente mais comprometida, dado que se tornou menos claro de que nível se está a tratar.

Finalmente, a própria teoria prosódica ficou enfraquecida, uma vez que foram abandonados alguns dos seus fundamentos.

#### 4. Proposta de revisão do elenco de constituintes prosódicos

##### 4.1. Proposta geral: é necessário um constituinte do nível do CG

A ideia concreta que defendemos neste artigo é a de que é necessário um constituinte do nível do GC. Aqui importa referir que, paralelamente ao trabalho que temos vindo a apresentar explorando esta hipótese (cf. Vigário, 2006), um outro surgia com objectivos semelhantes (Kabak & Revithiadou, 2006). Se bem que a ideia geral defendida seja idêntica, os detalhes argumentativos, incluindo a evidência empírica aportada, são bastantes diversos.

A hipótese que formulamos é a de que existe um constituinte intermédio entre  $\omega$  e  $\phi$ . Contudo, o que este constituinte agrupa não são, necessariamente, clíticos, mas sim palavras prosódicas. Deste modo, um aspecto fundamental a considerar é a mudança do nome deste domínio.

A nossa proposta de designação para este constituinte é Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group – PWG*). Segundo cremos, este termo é intuitivo e transparente, uma vez que reflecte o tipo de constituinte que se agrupa no seu interior, tal como se pretendia com o Grupo Clítico, preservando a coerência terminológica da hierarquia prosódica; é também conservador, dado que mantém a expressão *Grupo*, existente na expressão antiga *Grupo Clítico*; e reflecte a distinção que se estabelece entre este constituinte e o hierarquicamente inferior, mais claramente, segundo cremos, do que outras designações possíveis, como *Maximal/Minimal PW* ou *Major/Minor PW*.<sup>1</sup> A proposta alternativa feita em Kabak & Revithiadou (2006), *Phonological Cluster*, não é, pelo contrário, transparente nem conservadora, pelo que não nos parece igualmente uma alternativa a considerar.

Queremos salientar, para concluir esta subsecção, que este não é um novo domínio mas sim o que podemos entender como o antigo GC *reciclado*. Este facto é importante, dado que não estamos de facto a propor um novo domínio, não podendo a nossa proposta ser entendida como uma mera deslocação da complexidade da gramática da maquinaria computacional para a estrutura.

Na secção seguinte compilamos alguma da evidência de que dispomos no sentido da existência deste constituinte, como um constituinte de pleno direito, distinto de  $\omega$  e de  $\phi$ .

<sup>1</sup> Uma outra alternativa, que nos parece ajustada em termos da sua transparência, seria *Compound Prosodic Word*. Apenas a sua natureza mais inovadora face a *Clitic Group* nos fez afastar esta hipótese. Efectivamente, como justificamos no parágrafo seguinte, é para nós essencial espelhar a natureza reconvertida deste constituinte, que já existia na hierarquia prosódica clássica.

## 4.2. Evidência para esse constituinte em diferentes línguas do mundo

### 4.2.1. Português Europeu e outras línguas Românicas

Em Vigário (2003) é estabelecido um conjunto de construções caracterizado por um comportamento fonológico específico: os seus elementos têm as propriedades de  $\omega$ s (e.g. têm acento de palavra; podem receber acento tonal) mas comportam-se diferentemente de  $\omega$ s adjacentes dominadas directamente por  $\phi$ . Porque a natureza de  $\omega$ s é demonstrada neste trabalho, não nos deteremos nas evidências sobre o estatuto prosódico dos membros destas construções. O aspecto que exploraremos com mais detalhe neste artigo diz respeito à definição do constituinte superior que domina essas  $\omega$ s, tratado naquele trabalho como uma estrutura recursiva ao nível de  $\omega$ , e que aqui reinterpretemos como *PWG*.

São de tipo muito diversificado as evidências fornecidas em Vigário (2003) de que o nó que domina as construções em causa não é  $\phi$ : acentuais, tonais, segmentais.

As construções que entendemos agrupadas num *PWG*, e que ilustramos em (5), apresentam proeminência à direita, tal como  $\phi$ .

- (5) dir-se-ia  
ultra-óbvio

Do ponto de vista perceptivo, é possível identificar a diferença nas relações de proeminência entre os elementos destas construções e os elementos que se agrupam directamente sob  $\phi$  (cf. 6).

- (6) a. (num universo de bonecos de plasticina moldados em vários tamanhos)  
Ohíper-monstruoso ficou lindo!  
vs. b. (falando-se de um novo hipermercado enorme)  
O híper monstruoso ficou lindo!

Segundo cremos, é evidente o nível de proeminência inferior de *híper* na construção em (6a), relativamente ao nível de proeminência quando *híper* forma uma palavra prosódica que é dominada imediatamente por  $\phi$ , como em (6b). Naturalmente, esta diferença não pode ser captada se se considerar que em ambos os casos as palavras prosódicas (mais baixas) estão dominadas pelo mesmo constituinte prosódico, designadamente  $\phi$ . Pelo contrário, se entendermos que *híper-monstruoso* forma um *PWG*, enquanto *híper* e *monstruoso* (em *híper monstruoso*) formam um constituinte dominado por  $\phi$ , explica-se os distintos níveis de proeminência perceptiva.

Um segundo tipo de fenómenos fonológicos aponta no mesmo sentido. Tal como anteriormente demonstrado por Frota (2000), existem no PE processos de elisão de vogal sensíveis ao nível de proeminência do segmento vocálico adjacente à direita, ao nível de  $\omega$  e de  $\phi$ .



Em Vigário (2003), mostrámos que um processo similar de elisão é sensível à proeminência no interior do que hoje interpretamos como um PWG, mas não à proeminência do nível de  $\phi$ . Trata-se da regra de elisão de *-e* átono em posição final de  $\omega$ . Esta regra é, em geral, obrigatória em fim de  $\omega$ , como mostram os exemplos em (7).

- (7) *bebe*  
*bebe vinho*  
*bebe água*

Contudo, a regra é bloqueada se a  $\omega$  seguinte se inicia por uma vogal que constitui o elemento proeminente de PWG. Tal como ilustrado em (8), na sequência em a., em que *grande área* é um composto, a vogal não elide, porque, embora esteja em posição final de palavra prosódica, está também no interior deste domínio, mais baixo do que  $\phi$ . Aqui, a elisão da vogal é bloqueada, dada a proeminência da vogal seguinte e a organização prosódica particular em que ambas estão envolvidas. Não elidindo, a vogal realiza-se como glide, num processo regular de semivocalização de vogal não-recuada átona seguida de vogal. No caso de (8b), pelo contrário, *grande e área* não formam uma estrutura *composta*. Assim, a vogal final de *grande* não está numa configuração prosódica em que se dê o bloqueio do processo, pelo que a vogal elide.

- (8) a. O golo foi marcado de fora da grande área! [j]/\* $\emptyset$   
 b. Esse campo tem uma grande área de jogo \*fj]/ $\emptyset$

Note-se que o comportamento é idêntico mesmo que a segunda palavra não seja portadora de acento de  $\phi$  (cf. 9).

- (9) a. (onze avos finais) $\phi$  [j]/\* $\emptyset$   
 b. (onze ovos estragados) $\phi$  ??fj]/ $\emptyset$

Estes dados demonstram que existem sequências de  $\omega$ s não finais de  $\phi$  que apresentam diferentes graus de proeminência, isto é, não têm o mesmo nível de proeminência, como seria de esperar se essas  $\omega$ s fossem dominadas directamente por  $\phi$ . Para além disso, mostram que o nível de proeminência nessas sequências não corresponde à proeminência de  $\phi$ . Na nossa interpretação a proeminência em causa é do nível do PWG.

Repare-se ainda, para concluir a descrição do funcionamento deste processo relativamente a PWG, que, no interior de PWG, o processo apenas é obrigatoriamente bloqueado se V2 for portadora de acento desse nível, mas não se for apenas portadora de acento de nível de  $\omega$ . Isto é ilustrado em (10), onde marcamos a sílaba proeminente de PWG com maiúscula.

- (10) RFM (erre efe Eme) ??fj]/ $\emptyset$ ; \* $\emptyset$ /[j]  
 SMS (esse emE Esse) ??fj]/ $\emptyset$ ; \* $\emptyset$ /[j]

Os restantes processos de elisão de vogal, embora distintos no seu domínio de aplicação, são também reveladores de uma estruturação distinta das construções que estamos a apresentar, quando comparadas com sequências de palavras que se agrupam directamente no interior de  $\phi$ .

A elisão de *-a* átono final de  $\omega$ , estudada relativamente aos níveis superiores da hierarquia prosódica em Frota (2000), é opcional se seguida de  $\omega$  iniciada por vogal (V2). O processo pode operar se V2 for portadora de acento de palavra, mas é bloqueado se V2 receber, adicionalmente, proeminência de  $\phi$ , tal como ilustrado em (11).

- (11) a. (a quinta ordem dada) $\phi$  não chegou a ser obedecida [v]/0  
 b. (a quinta ordem) $\phi$  não chegou a ser obedecida [v]/\*0

O padrão de (11a) não se verifica, porém, se V2 for portadora de acento do nível deste novo constituinte. Veja-se o contraste entre (12a) e (12b), em que idênticas estruturas ao nível de  $\omega$  e de  $\phi$  não apresentam as mesmas possibilidades de elisão.

- (12) a. (ultra-óbvio problema) $\phi$  [v]/\*0  
 b. (quinta ordem dada) $\phi$  [v]/0

Os dados tornam-se claros se entendemos que *ultra-óbvio* é um PWG e que V2 é portadora do acento deste nível, enquanto *quinta ordem* formam um  $\phi$  com *dada* e V2 não apresenta senão o nível de acento de  $\omega$ .

O processo de elisão de vogal posterior átona final de PW, cujas condições de aplicação e bloqueio relativamente ao acento de nível superior foram também estudadas em Frota (2000), exibe a mesma sensibilidade ao acento deste constituinte, dado que é bloqueado se PW seguinte se inicia por uma vogal que seja o elemento proeminente deste constituinte (veja-se os detalhes em Vigário 2003: cap. 6).

Um fenómeno que mostra igualmente o papel do acento deste novo constituinte é o de atribuição de foco fonológico.

Como mostrado em Frota (2000), a marcação de foco fonológico pode incidir não apenas sobre uma palavra prosódica que termine  $\phi$  (13), mas também sobre uma palavra prosódica não-final (14).

- (13) A: O artista pintou uma manhã *cinzenta* na sua tela?  
 B: (Não.) O artista pintou uma manhã *ÂM*bar na sua tela.  
 |  
 H\*L (redução à direita)

- (14) A: O artista pintou uma *tarde* âmbar na sua tela?  
 B: (Não.) O artista pintou uma maNHÃ âmbar na sua tela.  
 |  
 H\*L (redução à direita)

A possibilidade de atribuição de foco a uma palavra prosódica parece apenas bloqueada se essa palavra não for portadora de acento do novo constituinte de que vimos falando. Isto mesmo é mostrado no exemplo em (15), em que, embora *monogâmico* seja formado por duas palavras prosódicas ((*mono*)<sub>w</sub> (*gâmico*)<sub>w</sub>), e o que está em contraste em termos informativos seja o primeiro radical do composto morfológico, o acento de foco apenas pode estar associado à palavra prosódica final do composto, que aqui estamos a interpretar como a cabeça de PWG.

- (15) A: Ele é um poligâmico convicto?  
 B: (Não.) Ele é um monoGÂMico convicto.  
       |  
       H\*L (redução à direita)
- \*B: (Não.) Ele é um MOnogâmico convicto.  
       |  
       H\*L (redução à direita)

Entre as construções elencadas em Vigário (2003: cap. 6) que exibem evidência para a existência de um constituinte autónomo superior à palavra prosódica e inferior a  $\phi$  encontram-se palavras derivadas com sufixos que formam domínios acentuais independentes da sua base (*-mente*, *-avaliativos*, *-avos*), palavras derivadas com prefixos acentuados (e.g. *pré-acental*), compostos morfológicos (não-lexicalizados), compostos morfossintáticos (e.g. *porta-óculos*), alguns compostos sintáticos (com certo grau de lexicalização), estruturas mesoclíticas (e.g. *dar-te-emos*), siglas (e.g. *RFM*), sequências de letras (e.g. em matrículas, como *LM-33-53*), sequências de letras e números (e.g. nomes de estradas, como *N1*) e certas sequências de numerais+N (onde parece haver um efeito de frequência, associado à pertença dos membros da expressão a classes fechadas).

Para concluir esta subsecção, importa-nos salientar que se dispõe de pouca informação sobre o funcionamento fonológico de construções semelhantes existentes nas restantes línguas românicas. Contudo, por razões diversas, cremos que também noutras línguas desta família se pode encontrar evidência semelhante para este constituinte. Por exemplo, Hualde (2007) mostra que no Castelhana existem construções que podemos interpretar como agrupando palavras prosódicas mas em que apenas o último membro preserva o nível máximo de proeminência. Na nossa interpretação, o constituinte que domina estas construções não é  $\phi$  mas sim o constituinte intermédio autónomo que estamos a propor, já que, segundo o autor, o nível de acentuação de toda a expressão é o da palavra. Por outro lado, observações informais de *corpora* contendo um subconjunto deste tipo de expressões por Gorka Elordieta (c.p.) sugerem que a atribuição de acentos tonais no Castelhana também distingue combinações de palavra em compostos ou combinações de nomes próprios de outras sequências de palavras no interior de  $\phi$ . Efectivamente, enquanto em sequências de palavras não-compostas no Castelhana, tipicamente, a uma palavra prosódica corresponde normalmente um acento tonal, nestes casos apenas a última palavra

prosódica da construção apresenta acento tonal. Na nossa interpretação, o comportamento do Castelhana pode resultar de o acento tonal ser obrigatoriamente atribuído à cabeça do novo constituinte de que vimos falando e não a  $\omega$ .

#### 4.2.2. Inglês, Holandês (e outras línguas germânicas)

É do conhecimento geral que os compostos nas línguas germânicas apresentam um padrão acentual próprio, já que, diferentemente do acento de  $\phi$  e de  $\omega$ , o acento principal destas construções encontra-se frequentemente no elemento à esquerda e não à direita. Ilustram este comportamento os exemplos em (16) (retirados de Nespor, 1999).

##### (16) Padrão forte-fraco (s-w) em compostos (Inglês)

compostos nominais	bláckbird	rádio station
compostos adjectivais	cólorblind	séasick
compostos verbais	áir condition	týpe write

Que as relações de proeminência no interior destas construções são distintas das envolvendo concatenação de palavras ao nível de  $\phi$  é mostrado pelos exemplos em (17), em que no primeiro caso temos um composto e no segundo uma combinação sintáctica de palavras num sintagma (Kenstowics, 1994: 550)

##### (17) the téacher's ùnion vs. the téacher's fríend

O Holandês, que exhibe comportamento semelhante ao Inglês a este respeito, mostra ainda que o conjunto de estruturas que apresentam este padrão acentual não se restringe aos compostos, mas envolve também certas palavras derivadas, como ilustrado em (18), retirado de Booij (1995: 5.4).

(18) Compostos	blóedplásma	'plasma sanguíneo'
	jáarprèmie	'prémio anual'
Derivados	kléurlòos	'incolor'
	dráagbàar	'portátil'
	schóonhèid	'beleza'

O dados referidos são muito significativos uma vez que mostram, por um lado, que estas estruturas não podem ser prosodizadas como uma única  $\omega$ , porque incluem mais de uma  $\omega$  e, por outro, que as suas  $\omega$ s internas não podem ser ligadas directamente a  $\phi$ , dado o padrão acentual distinto.

Para além disso, os factos revelam ainda que o que está em causa não pode ser uma estrutura recursiva, visto que, nesse caso, predir-se-ia que a regra de acentuação devia ser idêntica à verificada no interior de  $\omega$ . Na nossa análise, pelo contrário, as estruturas em causa agrupam-se no interior de um domínio distinto de  $\omega$ , o PWG, pelo que a regra de atribuição de acento nos dois níveis não tem de coincidir.

#### 4.2.3. Baule

Uma outra língua que fornece evidência para um constituinte do nível  $\alpha$  que nos reportamos é o Baule (falado na Costa do Marfim), tratado em Leben & Ahoua (1997). São vários os fenómenos que se aplicam entre palavras no interior de um constituinte mais alto, que não corresponde a  $\phi$ . Aplicam-se nesse domínio, que interpretamos como PWG, uma regra tonal que consiste na integração de uma sequência de tons altos (H) num único contorno ascendente, uma regra opcional de aférese e uma regra opcional de apócope. Por motivos de espaço, apenas ilustramos aqui a regra tonal, em (19), onde o acento agudo representa o tom H.

(19) Sequência de Hs  $\rightarrow$  Contorno ascendente

nome+adjectivo	bó lí	kpángbán	'muitas cabras'
	[ <u>    </u> ]	[ <u>    </u> ]	
vs.	possuidor+possuído	b ó lí m á n g ú n	'amigo da cabra'
		[ <u>    </u> ][ <u>    </u> ]	

Note-se que as combinações de palavras que resultam num único domínio para a aplicação da regra tonal, incluem, para além de sequências nome+adjectivo, compostos e nomes próprios.

#### 4.2.4. Turco

O Turco mostra também como o constituinte PWG é necessário para compreender os factos fonológicos da língua.

Nesta língua o acento de palavra incide, com excepções, na sílaba final da palavra prosódica; em construções envolvendo compostos, contudo, o acento recai na  $\omega$  inicial, sendo os restantes acentos de palavra reduzidos, como mostram os exemplos em (20), retirados de Kebak & Vogel (2001).

(20)	[kará] <sub><math>\omega</math></sub>	'preto'
	[deníz] <sub><math>\omega</math></sub>	'mar'
	[[kará] <sub><math>\omega</math></sub> [deniz] <sub><math>\omega</math></sub> ]	'Mar Negro'

Note-se que, para além do acento, pelo menos um outro processo fornece evidência para o mesmo domínio fonológico.

Que o constituinte em causa não é  $\phi$ , mostra-o a diferença perceptiva entre os níveis de proeminência de estruturas deste tipo e de sintagmas: no caso de estruturas que aqui interpretamos como PWG, o acento incide sobre a primeira  $\omega$ , como vimos acima, mas, crucialmente, as proeminências das restantes  $\omega$  são enfraquecidas; no caso das  $\omega$ s

que integram sequências de palavras *não-compostas*, cada  $\omega$  preserva o nível de acento de palavra.

Os dados do Turco parecem-nos inequívocos quanto à não-coincidência do constituinte necessário para descrever os fenómenos referidos com  $\omega$  ou com  $\phi$ .

Para além de compostos, outras estruturas exibem o mesmo comportamento, segundo Kebak & Vogel (2001) e Kebak & Revithiadou (2006). Note-se ainda que, tal como no Português, nem todos os compostos são estruturados deste modo no Turco, como se depreende da discussão em Inkelas & Orgun (2003).

#### 4.2.5. Outras línguas

Existem outras línguas que apresentam fenómenos que pensamos poder ter PWG como domínio. Entre elas estão o Chinês de Xangai (Selkirk & Shen, 1991; Duanmu 1991) e o Arrernte (Henderson, 2002), para além do Grego, que forneceu dados para a proposta recente de Kabak & Revithiadou (2006). Por razões de espaço não poderemos, contudo, explorá-las aqui devidamente.

### 5. Conclusão

Julgamos ter mostrado neste trabalho que existe um conjunto de alterações teóricas no quadro da fonologia prosódica que resulta antes de mais num enfraquecimento da própria teoria. Para além disso, fornecemos evidência empírica, com dados de línguas muito diversas, para a incorrecção de algumas dessas alterações.

Notando que muitas línguas possuem construções que integram mais de uma  $\omega$  e que não se comportam, no entanto, como  $\phi$ s, propusemos reconverter o antigo Grupo Clítico, de idêntico nível na hierarquia prosódica, num constituinte com designação mais transparente quanto à unidades que domina – o *Prosodic Word Group* (PWG). Na verdade, o facto de muitas línguas revelarem o mesmo comportamento sugere que ele pode decorrer de mecanismos gerais, mais concretamente de uma estrutura prosódica universal e dos algoritmos de *mapping* entre a estrutura sintáctica e morfológica e a estrutura prosódica.

Esta proposta é capaz de resolver problemas criados pela eliminação de um constituinte do nível prosódico do Grupo Clítico e permite o estabelecimento de generalizações importantes ao nível da fonologia das línguas, designadamente respeitantes ao domínio de ocorrência de fenómenos fonológicos. Para além disso, evita problemas não apenas de natureza teórica mas também de cariz empírico gerados por soluções alternativas, como as que envolvem estruturas recursivas.

Para finalizar, e reforçando a proposta que aqui fazemos, não queremos deixar de assinalar que a argumentação de base empírica aqui desenvolvida é idêntica na sua natureza à que tem sido trazida para sustentar os restantes domínios prosódicos. Se para esses domínios a argumentação é considerada válida, então deve sê-lo também para este, assim se preservando a integridade da principal motivação para a teoria prosódica.

## Referências

- Booij, G. (1995) *The Phonology of Dutch*. Oxford: Clarendon Press.
- Booij, G. (1996) Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review* 13, pp. 219-242.
- Condoravdi, C. (1990) Sandhi Rules of Greek and Prosodic Theory. In S. Inkelas & D. Zec (orgs.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 63-84.
- Duanmu, San (1991) Stress and Syntax-Phonology Mismatches: Tonal Domains in Danyang and Shanghai. In D. Bates (org.) *Proceedings of the 10<sup>th</sup> West Coast Conference on Formal Linguistics*. Stanford: SLA, pp. 127-137.
- Frota, S. (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. New York: Garland Publishing.
- Gussenhoven, C. & T. Rietveld (1992) Intonation contours, prosodic structure and preboundary lengthening. *Journal of Phonetics* 20, pp. 283-303.
- Hall, T.A. (1999) Phonotactics and the Prosodic Structure of German Function Words. In T.A. Hall & U. Kleihenz (orgs.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 99-131.
- Hayes, B. & A. Lahiri (1991) Bengali Intonational Phonology. *Natural Language and Linguistic Theory* 9, pp. 47-96.
- Henderson, John (2002) The word in Eastern/Central Arremte. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.) *Word. A cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 100-124.
- Hualde, J. I. (2007) Stress removal and stress addition in Spanish. *Journal of Portuguese Linguistics* 5(2)/6(1) (Special Issue on Prosody in Ibero-Romance and Related Languages, G. Elordieta & M. Vigário orgs.). pp. 59-89.
- Inkelas, S. (1990) *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing.
- Inkelas, S. & C. O. Orgun (2003) Turkish stress: a review. *Phonology* 20, pp. 139-161.
- Kabak, B. & I. Vogel (2001) The phonological word and stress assignment in Turkish. *Phonology* 18, pp. 315-360.
- Kabak, B. & A. Revithiadou (2006) The Phonology of Clitic Groups: Prosodic Recursivity Revisited. Comunicação apresentada em *The 13<sup>th</sup> International Conference on Turkish Linguistics*. Agosto, Uppsala.
- Kenstowicz, M. (1994) *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge, MA: Blackwell.
- Kleinhenz, U. (1996) The Prosody of German Clitics. In A. Alexiadou et al. (orgs.) *ZAS Papers in Linguistics* 6, pp. 81-95.
- Ladd, D.R. (1992) Compound Prosodic Domains. Ms., University of Edinburgh.
- Ladd, D.R. (1996) *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Leben, W. & F. Ahoua (1997) Prosodic domains in Baule. *Phonology* 14, pp. 113-132.
- McCarthy, J. & A. Prince (1994) Generalized Alignment. In G. Booij & J. van Marle (orgs.) *Yearbook of Morphology 1993*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 79-153.
- Nespor, M. (1999) Stress Domains. In H. van der Hulst (org.) *Word Prosodic Systems in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 117-159.
- Nespor, M. & A. Ralli (1996) Morphology-phonology interface: Phonological domains in Greek compounds. *The Linguistic Review* 13, pp. 357-382.
- Nespor, M. & I. Vogel (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.

- Pierrehumbert, J. & M. Beckman (1988) *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Selkirk, E. (1984) *Phonology and Syntax. The Relation between Sound and Structure*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Selkirk, E. (1996) The prosodic structure of function words. In J. Morgan & K. Demuth (orgs.) *Signal to Syntax: Bootstrapping From Speech to Grammar in Early Acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 187-213.
- Selkirk, E. (2000) The interaction of constraints on prosodic phrasing. In M. Horne (org.) *Prosody: Theory and Experiment*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 231-261.
- Selkirk, E. & T. Shen (1990) Prosodic Domains in Shanghai Chinese. In S. Inkelas & D. Zec (orgs.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago/London: The University of Chicago Press, pp. 313-337.
- Vigário, M. (1999) On the Prosodic Status of Stressless Function Words in European Portuguese. In T.A. Hall & U. Kleinhenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 255-294.
- Vigário, M. (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Vigário, M. (2006) Palavras prosódicas, clíticos e compostos. Conferência proferida nas *Conversas d'HorAl*, Maio, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Vogel, I. (1990) The clitic group in prosodic phonology. In J. Mascaró & M. Nespó (eds.) *Grammar in Progress*. Dordrecht: Foris, pp. 447-454.
- Woodbury, A. C. (2002) The word in Cup'ik. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs.) *Word. A cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 79-99.